

O CRESCIMENTO DO PIB

Ricardo Lacerda¹

A taxa de expansão do Produto Interno Bruto (PIB) de 0,6% no 1º trimestre frustrou a expectativa a respeito do fôlego da retomada do crescimento brasileiro em 2013. As projeções para o fechamento do ano foram refeitas para baixo. Um certo pessimismo tomou conta quanto às possibilidades de crescimento do país em bases mais sólidas e sustentáveis. A mediana das projeções em 31 de maio caiu para 2,77%, abaixo, portanto, dos simbólicos 3%.

Muitos se perguntam por que os estímulos à produção adotados desde meados de 2011, que contemplaram a forte redução das taxas de juros, a desvalorização do câmbio, a oferta de crédito em condições especiais para investimento pelo BNDES, a redução no custo da energia elétrica e a as desonerações na folha de pagamentos, entre outros, tardam tanto para surtir os efeitos desejados e os produzem aquém do esperado. Em outras palavras, por que o país se defronta com tanta dificuldade para retomar o ciclo virtuoso de crescimento.

Fatores

Fatores externos e internos que explicariam o desempenho abaixo do esperado foram esmiuçados. Entre aqueles, a desaceleração do crescimento da China e os seus efeitos sobre os preços das commodities no mercado internacional, os desarranjos da economia argentina, um dos nossos principais parceiros comerciais, e o agravamento da crise europeia mais do que contrabalançariam os efeitos positivos da recuperação, promissora, ainda que moderada, da economia americana e das políticas monetárias expansionistas do Japão. Assim, enquanto os sintomas de melhoria são apenas isso, sintomas, a economia europeia já enfrenta o seu sexto trimestre de declínio e a desaceleração do crescimento chinês confirma que mesmo o gigante asiático não passa incólume frente à deterioração do cenário internacional.

¹ Professor do Departamento de Economia da UFS e Assessor Econômico do Governo de Sergipe. Artigos anteriores estão postados em <http://cenariosdesenvolvimento.blogspot.com/>

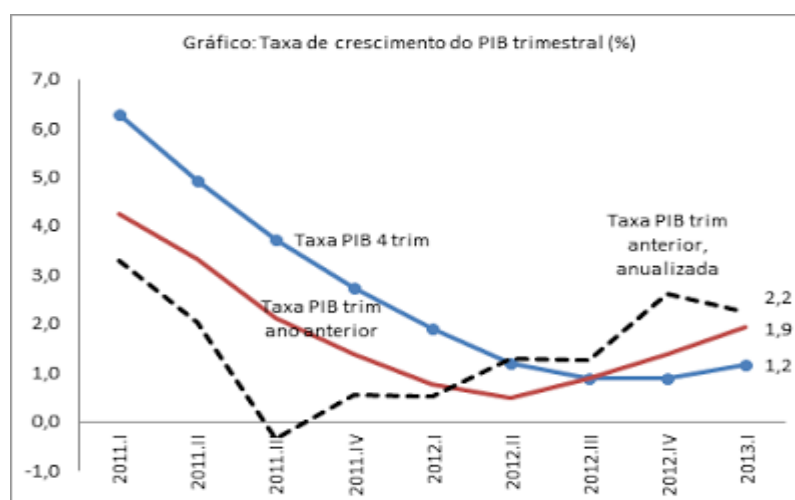
Entre os fatores internos, a corrosão do poder de compra pela inflação e o grau de endividamento das famílias refletiriam o limite do poder de empuxe do consumo quando não é acompanhado pela expansão dos investimentos, enquanto a piora dos fundamentos da economia, com desempenho ruim da balança comercial e a pressão dos preços, abalou a confiança do empresariado em relação às perspectivas de crescimento.

Retomada

Em meio a tantos fatores restritivos, vale a pena pontuar alguns fatos substantivos para em seguida buscar avaliar as possibilidades de engrenar a retomada em bases mais robustas. O primeiro deles é o de que, mesmo que em ritmo abaixo do esperado e de forma ainda vacilante, como sói acontecer em momentos de incerteza, a economia brasileira vem aumentando paulatinamente o ritmo de expansão do PIB (ver Gráfico).

Na série de crescimento em relação ao trimestre anterior, descontados os efeitos sazonais, o ritmo de aumento do PIB trimestral reverteu, desde o último trimestre de 2011, uma trajetória fortemente descendente para assumir uma claramente ascendente, ainda que com algumas oscilações (ver linha tracejada que representa essa série em termos anualizados).

Na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, a aceleração do crescimento, mesmo moderada, se iniciou no 3º trimestre de 2012 e a expansão acumulada em quatro trimestres apresentou o primeiro resultado de inflexão para cima no primeiro trimestre de 2013.



Fonte: IBGE.

Em conjunto, as trajetórias das três séries não deixam dúvidas de que a economia brasileira está reencontrando, mesmo aos tropeções, o caminho da retomada do crescimento em meio a um mundo convulsionado e com perspectivas incertas.

O segundo fato positivo é que a evolução da economia brasileira começa a mostrar alguns resultados qualitativos importantes, certamente como efeitos das medidas de estímulo adotadas. Nos dois últimos trimestres, o investimento deu os primeiros passos em direção a uma recuperação que se espera sustentada e passou a apresentar taxas de crescimento acima das registradas pelo consumo das famílias. Os resultados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM) do IBGE mostram que a indústria interrompeu no trimestre encerrado em abril a longa trajetória de queda em relação ao mesmo trimestre do ano anterior que havia se iniciado no último trimestre de 2011. O mais significativo é que, em todos os meses de 2013, a produção física de bens de capital apresentou crescimento.

Para finalizar, os movimentos mais recentes da política econômica, sintetizados na fala recente do presidente do Banco Central, deixaram patente que a resposta da economia brasileira ao segundo mergulho da crise financeira internacional entrou em uma nova etapa em que a expansão do investimento, com seus efeitos na expansão da capacidade produtiva e na demanda agregada, deve seguir à frente do crescimento do consumo.

A ampliação projetada para a produção do petróleo do pré-sal, os novos investimentos nesse segmento a partir do leilão recém realizado, as frentes de expansão dos investimentos privados abertas a partir da mudança da lei dos portos e do programa de concessão de infraestrutura de transporte são fatores que concorrerão para o crescimento da taxa de investimento da economia.

As taxas de crescimento de 2013 e 2014 não deverão ser exuberantes, mas as perspectivas de retomada dos investimentos vão alicerçar a recuperação, que já se encontra em curso, em bases mais sólidas e sustentadas.